



**Folclore em versos:
a narrativa do saber folclórico na literatura de cordel (1991-1996)**

Ewerton Wirley Silva Barros¹

Universidade Federal de Campina Grande-UFCG

E-mail: ewertonwirley@gmail.com

José Rodrigues Filho²

Universidade Federal de Campina Grande-UFCG

E-mail: rodriguesfilhojc@gmail.com

ORIENTADOR: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto³

Universidade Federal de Campina Grande-UFCG

E-mail: nassausiegen@yahoo.com.br

Este trabalho é resultado de diálogos proporcionados pelo encontro das pesquisas de iniciação científica: “Folclore em movimento: a Sociedade Brasileira do Folclore e o processo de institucionalização dos estudos folclóricos no Brasil (1941-1963)” e “Memória Visual do Cordel no Brasil: uma análise iconográfica do acervo da UFCG” ambos desenvolvidos com o apoio do CNPq/UFCG. A primeira pesquisa teve como eixo central de discussão a instauração do saber folclórico no Brasil, enquanto a segunda se fundamentou na problematização das imagens na literatura de cordel. Apesar deste trabalho não dirigir um olhar específico sobre a iconografia do cordel, as discussões realizadas nas pesquisas possibilitaram a construção de um diálogo acerca do folclore nas narrativas dos folhetos.

Em nossas reflexões, percebemos que o folclore foi um campo de saber construído na comunidade letrada, que ultrapassou a barreira de discussão intelectual,

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Cultura (GEPHC/CNPq).

² Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Cultura (GEPHC/CNPq).

³ Professor do curso de História na Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Cultura (GEPHC/CNPq).



sido discutido também no espaço conceituado de popular. Os cordelistas enquanto integrantes deste espaço, consumidores de informações em seu meio e produtores de conhecimento em seus folhetos, também discutiram assuntos de caráter acadêmico – dentre eles, o folclore. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo central problematizar o diálogo promovido por cordelistas em torno do saber folclórico nos folhetos: *Em defesa do folclore* (1991), do poeta Chico Nascimento e *O que é folclore* (1996), correspondente a uma coletânea de poemas de diversos autores.

Em acordo com o objetivo central, outras questões são consideradas nas análises: Quais leituras elaboraram os cordelistas em meio ao contexto histórico e de produção de suas obras? De qual maneira questões que perpassam os campos social, político e cultural se encontram nas narrativas dos cordéis sobre o folclore? Para responder as estas inquietações, foi preciso considerar as conexões elaboradas pelos cordelistas dentro do espaço da elaboração dos discursos, levando em conta o meio de produção destes artefatos culturais.

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos o Acervo de Literatura Popular José Alves Sobrinho (UFCG), no qual foram selecionados e catalogados os cordéis analisados neste trabalho. Encontramos um total de sete folhetos que abordavam a temática do folclore de forma ampla. Por este motivo, selecionamos dois cordéis para análise, considerando o recorte temporal (década de 1990), espacial (produzidos pela Academia de Cordelistas do Crato-CE), bem como afinidade temática.

Na fundamentação teórica, dialogamos com as reflexões propostas por Michel Foucault (2001) e Roger Chartier (1990) acerca da *autoria* e *redes de textos*, respectivamente elaborados. De acordo com Foucault (2001), o autor tem um papel chave no discurso. Isto é, ele não cria o discurso, mas faz parte de sua construção realizada em um espaço coletivo. Em conformidade com Chartier (1990), é possível entender que as produções textuais elaboram conexões entre si, possibilitando a construção de diálogos entre textos distintos.



Em nossas análises verificamos que, ao tempo que a comunidade intelectual construía um saber sobre o *povo*, este também teve sua interpretação e produção de conhecimento. Esta atividade esteve atrelada a literatura de cordel. Os poetas, enquanto protagonistas deste espaço de promoção do conhecimento, elaboraram por meio das narrativas de seus poemas interpretações de seu lugar e em torno do *saber do povo* (Folk-Lore). Todavia, vale ressaltar que, estas interpretações interligaram um campo coletivo de influências políticas, sociais e culturais.

Sendo assim, a leitura dos cordéis possibilitou a compreensão de que suas narrativas não estão separadas em si, mas interligadas em um espaço de comunicações, vivências e diálogos entre os poetas e suas produções. Contudo, ao passo que esses diálogos e narrativas se aproximam, paradoxalmente eles se distanciam na construção do folclore, proporcionando outros sentidos e significados para este saber. Exemplificando, trazemos como referência a compreensão do poeta Bastinha (1996) acerca do folclore, visto “na sua forma pura e natural” (p.3), quando em nossas análises, nos dois folhetos utilizados para esta pesquisa, percebemos que o folclore foi construído de forma multifacetada: sendo utilizado pelos cordelistas, a seu favor, para propagar as mais diversas expressões culturais concernentes em seu meio – danças, músicas e brincadeiras; assim como de forma pejorativa, para denunciar os discursos que fossem contrários ao seu espaço.

Desse modo, o saber folclórico foi narrado neste período como as práticas cotidianas de um lugar. No folheto *Em defesa do Folclore* (1991), percebemos que o poeta Chico Nascimento elaborou sua narrativa em torno do folclore enquanto um saber atrelado “[...] a tradição, conhecimento ou crenças [...] Contos, costumes e canção” (p.2). Já na coletânea de poemas contidos no cordel *O que é Folclore?* (1996), podemos constatar uma verossimilhança com o posicionamento de Nascimento. Cordelistas como Maranhão (1996) e Carneiro (1996), definiram o folclore enquanto este espaço de *tradições* presentes nas mais diversas manifestações culturais, atreladas ao “[...] costume de um povo [...]” (p. 2). Já nos versos dos poetas William Brito (1996) e



Correinha (1996), o folclore foi definido como “[...] a alma de um povo [...]” (p.4), interligado à *arte* e as emoções que perpassam os sentimentos de uma cultura e lugar.

Por fim, percebemos que alguns cordelistas reconheciam-se enquanto membros do cenário folclórico, assim como sua produção cultural. Nestes aspectos, temos as narrativas de Eugênio Dantas (1996) que afirma, “é folclore o cordel, o repentista [...] toda aquela cultura popular que a muitos parece sem valor” (p.5), e de José Alexandre Costa (1996) que certifica o folclore como ofício dos “poetas fazendo poesia” (p.6). Portanto, o folclore que outrora fora construído por letrados através das expressões do *povo*, também fora versado por este em seus folhetos. Suas poesias rimadas verbalizaram o seu meio, promoveram o seu espaço, nos fazendo reinterpretar uma leitura acerca da *cultura* por meio da arte produzida pelos poetas.

PALAVRAS-CHAVE: Folclore. Literatura de Cordel. História Cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos:** a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013a.

_____. **“O morto vestido para um ato inaugural”:** procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular. São Paulo: Intermeios, 2013b.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* In: **Ditos e escritos:** literatura e pintura, música e cinema. Vol. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p.264-298.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo:** Histórias na Literatura de Cordel (1900-1940). Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e Missão:** o movimento folclórico brasileiro (1947-1964). Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.